



## O LUGAR DA VÍTIMA NO PROCESSO CRIMINAL

MARQUES CARSONI LIMA, DAYANE<sup>1</sup>  
AUGUSTO ROSA, LUCAS<sup>2</sup>

### RESUMO:

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) traz uma abordagem sobre o lugar da vítima no processo criminal, especialmente no contexto brasileiro. Este TCC insere-se na linha de pesquisa “O sistema de justiça criminal em contexto de globalização e mundialização. Neste, far-se-á uma síntese mais detalhada acerca do tema “A vítima no processo criminal”. Na primeira parte — Introdução —, o tema será rapidamente apresentado, e serão expostas, ainda, informações gerais acerca do assunto, expondo o que é o Direito Penal e como ele se desdobra; além disso, apresentar-se-á o objeto principal de estudo deste trabalho, a saber a vítima no processo penal. Também nessa primeira parte, expõe-se o conceito de vítima que será utilizado em todo o trabalho; na segunda parte, far-se-á uma breve revisão bibliográfica, valendo-se da literatura disponível na área de direito penal, dando-se ênfase especialmente àquela que versa sobre a perspectiva da vítima acerca do processo penal. Por fim, apresentam-se as considerações finais desta aluna sobre o estudo desenvolvido, tecendo um breve comentário acerca do que foi explorado ao longo deste trabalho, e as referências que deram o aporte teórico necessário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direito. Processo Penal. Vítima. Justiça. Estado.

### 1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal (CF/88) do Brasil, em vigor desde 1988, é o documento norteador de todas as demais leis. Isso significa que todas as outras leis estão, de alguma forma, atreladas a ela. Assim, a CF/88 é considerada a base para o exercício do Direito no país.

No entanto, embora a CF/88 elenque muitos dos direitos e deveres a que os sujeitos fazem jus, ela não possui um rol totalmente taxativo; em muitos casos será necessário verificar outras leis e documentos que possam respaldar os devidos processos legais.

É nessa perspectiva que surge o Direito Penal e dele o Direito Processual Penal. A CF/88 expõe, em seu artigo 5º, inciso LIV, assegura que toda pessoa só será privada de liberdade ou terá seus direitos de alguma forma restringidos mediante o devido processo legal. Isto é, não basta que o cidadão seja acusado de algo — por outra pessoa, empresa ou mesmo pelo Estado — é preciso que a punibilidade venha após a comprovação tácita de que havia, realmente, o cometimento do crime e isso só ocorre por meio de um processo amplo de acusação e defesa.

<sup>1</sup> Graduanda em Direito pelo Centro Universitário FAG. E-mail: dmcarsoni@minha.fag.edu.br

<sup>2</sup> Professor especialista e orientador deste trabalho.

De forma resumida, o Direito Penal se refere especificamente ao crime cometido e de sua pena (dentre outras ramificações); já o Direito Processual Penal (DPP) detalhará os modos como os crimes podem ser provados, por exemplo; assim, o DPP possui a prerrogativa de proporcionar ao cidadão os meios necessários diante da atuação do Estado; este, por sua vez, ao fazer uso desse ramo do Direito está agindo como instituição punitiva.

Nesse sentido, o DPP (Direito Processual Penal) funciona como uma pirâmide a qual é formada pelo Ministério Público (MP), geralmente autor do processo e que representa a sociedade, vítima do possível crime; pelo réu (o que supostamente cometeu o crime) e o juiz (o que julgará se a acusação é procedente ou não).

Assim, o Direito Penal é o ramo do Direito responsável por lidar com questões criminais, por isso também é entendido como “Direito Criminal”. Desse modo, quando as pessoas são vítimas de algum tipo de delito podem recorrer aos profissionais especialistas nessa área ou ao próprio Ministério Público.

Vítima, nessa perspectiva, é entendida “como qualquer pessoa física ou moral, que sofre como resultado de um desapiedado desígnio, incidental ou accidentalmente” (Separovic apud Piedade Júnior, 1990, p. 89). Outra definição possível é relembrada por Guilherme Carneiro de Rezende (2021, p. 34):

Segundo o direito internacional, a vítima é, pois, a pessoa que sofreu, direta ou indiretamente, alguma espécie de lesão ou perigo de lesão. Digno de registro é o avanço da normatização internacional, que contempla na concepção de vítima, também as pessoas (terceiros) que, ainda que reflexamente, tenham sofrido danos, como por exemplo os familiares da vítima.

Para fins deste trabalho, far-se-á uso da definição dada pelo supracitado autor, que considera a vítima:

Pessoa individualmente considerada vulnerável, em decorrência da violação de direitos humanos (direito à vida, à liberdade, à integridade, etc.), não ignorando, porém, que há infrações penais que ofendem bem jurídico titularizado por uma comunidade ou coletividade, a exemplo dos crimes contra a fé pública, contra a ordem econômica e financeira, contra a ordem tributária, etc. (REZENDE, 2021, p. 34).

É esse lado do crime, ou seja, o lado da vítima, que este trabalho se propõe a estudar, buscando responder à questão primordial: a vítima hoje quer ser considerada unicamente como uma fonte de prova no processo penal?

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 BREVE APRESENTAÇÃO: QUEM É A VÍTIMA?**

Ao longo dos séculos a sociedade passou por diversas mudanças nos mais variados campos dos saberes. Em relação ao ramo do Direito isso se processou de maneira bastante variada, especialmente quando se fala no Direito Penal.

A vítima, hoje entendida como uma pessoa que sofre em decorrência de algum mau desígnio (proposital ou não), nem sempre teve uma definição certa de si mesma e nem sempre fez parte do processo penal, mesmo sendo a mais prejudicada (Barros, 2015; Klempovus, 2020; Rodrigues 2012;).

A vítima não deve ser entendida unicamente como uma fonte de provas no processo penal, mas sim como um sujeito de direitos, que deve, nesse sentido, ter garantidos todos os seus direitos constitucionais, tais como: direito à informação; à consulta e orientação jurídica; à participação no inquérito, no processo e na execução da pena; à reparação do dano (Brasil, 2021; Cordeiro, 2014; Rocha , 2009; Rodrigues, 2012; Sauthier).

Infelizmente, como se observa em boa parte da literatura que versa sobre esse assunto, a vítima é vista apenas como mais uma peça no quebra-cabeça da constituição do crime; muitas vezes é esquecida no decurso do processo criminal, conforme salienta de forma pontual Klempovus (2020, p. 3):

a vítima no processo penal não passa de uma coadjuvante, muito embora seja a pessoa que teve um bem jurídico violado. A partir do momento que o Estado pega para a si a atribuição de responsabilizar o infrator, a vítima é jogada para escanteio e só é lembrada quando precisa ser ouvida em juízo.

Isso ocorre, de certa forma, como lembra Klempovus, porque a vítima não conhece a linguagem forense, não consegue compreender as terminologias complicadas do Direito, e, pior, em boa parte das vezes sequer sabe seus direitos como cidadã (Klempovus, 2020, p.4).

Não obstante essa seja uma realidade presente, há, ainda, agravantes: as vítimas indiretas(Klempovus, 2020; Rezende, 2021) . Uma vez que cada vítima (na maioria dos casos) possui familiares próximos, tais como cônjuges, filhos, pais e familiares extensos como avós, tíos, primos, etc., além disso, há os colegas de trabalho, e de outros ambientes que possa frequentar (igreja, faculdade, escola), é colateral que esses também sofram juntamente com aquela pessoa que foi diretamente afetada pelo delito.

Portanto, quando a vítima direta é invisibilizada e excluída do processo penal, todas as outras vítimas indiretas sofrem também. Isso porque ser alvo de um crime, seja ele de que tipo for, é uma experiência traumática que pode ter consequências graves reverberando por toda a vida de uma pessoa.

Quando o Estado esquece de ouvir a vítima com real interesse e de permitir que ela tenha o básico — que é acesso ao processo legal —, está fazendo com que ela se torne vítima duas vezes: uma do crime direto que sofreu e outra por parte dele (do Estado) mesmo que inviabiliza à vítima a chance de reaver, se não o seu bem violado, a sua dignidade humana restaurada.

Obviamente, essa não é uma tarefa fácil, especialmente porque depende de fatores externos, dos quais o Estado não tem total controle, por exemplo: o grau de instrução da vítima para que possa compreender os trâmites do processo penal.

Nesse sentido, como bem frisou Walgrave (2008, p.32), é importante que as vítimas pelo menos sintam que o Estado, aquele que deve resguardar seus direitos constitucionais, está interessado em agir para o seu bem; que sinta que ele está efetivamente trabalhando para que seus bens sejam recuperados (quando for o caso), ou para que sua dignidade humana seja respeitada.

Assim, frisa-se a importância e necessidade de apoio às vítimas, e que esse apoio ocorra segmentado, uma vez que para cada tipo de crime as consequências psicológicas, emocionais, financeiras e físicas são variadas.

Um crime de estelionato causa efeitos diferentes de um crime de abuso sexual, por exemplo. Por isso, é importante que haja profissionais especializados em cada tipo de abordagem para que a vítima direta se sinta acolhida e junto a ela as vítimas indiretas, também.

Muitas iniciativas como essa existem, mas poucas são financiadas e protagonizadas pelo próprio Estado. Conforme salienta Daniel Achutti (apud Klempovus, 2020, p.4), quando o Estado oferece esse tipo de serviço demonstra à população o interesse público em assistir os vitimizados pelo crime, e não o oposto; de outro modo, quando esse apoio não é oferecido de modo pronto e interessado, a mensagem que é passada à vítima e à sociedade como um todo é extremamente negativa.

Para o referido autor, portanto, a primeira ação do Estado em relação ao cometimento de infrações, delitos, é oferecer suporte ao lado vitimado, como uma preocupação genuína e não “um adendo ornamental” ( Daniel Achutti apud Klempovus, 2020, p.4).

A vítima, como exposto, deve ser compreendida com toda a complexidade que a situação na qual está envolvida demanda. Não pode ser apenas mais uma peça no quebra-cabeça da solução de um crime; não pode ser só mais uma das partes a ser ouvida, como se fosse apenas uma testemunha.

Ela deve ser tratada e respeitada como um ser humano que teve a sua dignidade violada, precisa contar com políticas públicas sérias que a assistam; precisa ter respaldo governamental para que consiga acompanhar seu processo legal; precisa ter amparo socioassistencial; precisa ser compreendida e amparada de acordo com suas necessidades.

## 2.2 A VÍTIMA NO SISTEMA GLOBAL DE PROTEÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Antes de abordar a questão da vítima no sistema global de proteção dos Direitos Humanos é preciso compreender do que se trata esse sistema. Para tanto, faz-se necessário uma breve retomada da história que envolve a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).

Tal documento foi criado em 1948, a partir do contexto da Segunda Guerra Mundial e dos terríveis crimes cometidos contra a humanidade à época: Tais crimes cometidos pela Alemanha e também por outros países que combatiam contra ela, mostraram a necessidade de proteger os direitos humanos em escala global (Buergenthal Apud Piovesan, 2006, p. 9).

Foi assim, nesse contexto, que a Comissão de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) redigiu a chamada Declaração Universal dos Direitos Humanos, a qual elenca os direitos essenciais de todos os seres humanos residentes em qualquer lugar do mundo.

Esse documento conta com 30 artigos, traduzidos em mais de 400 línguas. Foi a partir dessa declaração que os governos passaram a buscar formas para que os direitos humanos constantes nela pudessem ser, de fato, garantidos.

Foi assim também que o mundo assistiu o surgimento de uma nova fase do direito internacional. É em 1948, então, conforme sugere Schneider (2015) que surge um sistema normativo global de proteção dos direitos humanos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos entende que todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal; tais direitos estão expressamente escritos no artigo 3º da Declaração. Nos artigos subsequentes são explícitos direitos como vedação à escravatura e à servidão, à tortura e a penas/tratamentos cruéis e degradantes. Não obstante, garante que toda pessoa tem direito à propriedade.

Logo, entende-se que se uma pessoa tem vilipendiado qualquer um desses direitos, deve receber especial proteção, materializada num sistema penal apropriado que seja capaz de salvaguardá-la. Nesse sentido, há outro documento importante para a vítima: a Resolução 60/147, que versa sobre os Princípios e Diretrizes Básicos sobre o Direito das Vítimas de Violações Manifestas das Normas Internacionais de Direitos Humanos e de Violações Graves do Direito Internacional Humanitário (Rezende, 2021, p. 62-63).

No Brasil, a DUDH é acompanhada de outros instrumentos como o PIDCT (Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos) e CADH (Convenção Americana de Direitos Humanos) que também funcionam como tutela dos direitos dos cidadãos. Via de regra, aquele que tem qualquer um de seus direitos violados é, portanto, considerado vítima. Assim, entende-se que os instrumentos supracitados devem ser utilizados, principalmente, em favor das vítimas.

Conforme expõe Rezende (2021, p. 63): Tanto a DUDH, quanto a CADH e o PIDCP garantem aos indivíduos o acesso aos órgãos internos e aos organismos internacionais (pelos

seus Sistemas Global e Regional), buscando a cessação e a reparação de eventual violação provocada a direito humano”.

Assim, de acordo com esses instrumentos legais, o Estado “fica obrigado a investigar as situações de violação de direitos humanos, de sorte que a impunidade representa o descumprimento do dever estatal de garantir às pessoas sujeitas à sua jurisdição o exercício livre e pleno de seus direitos” (Rezende, 2021, p. 64).

Portanto, a vítima, no Sistema Global de Proteção dos Direitos Humanos está amparada legalmente, desde que o Estado trabalhe para garantir isso. Desse modo, é imprescindível o trabalho atuante dos organismos jurídicos e a utilização dos devidos instrumentos legais para que ela tenha seus direitos resguardados.

### **2.3 A REALIDADE DA JUSTIÇA CRIMINAL E O PERFIL DAS VÍTIMAS DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NO BRASIL**

O Relatório Justiça em Números do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)<sup>3</sup>de 2022 a ponta, em números, o volume de processos que passaram pelo sistema judiciário no ano imediatamente anterior ao do relatório (2021).

Segundo o relatório, em 2021 foram recebidos mais de 2,2 milhões de casos criminais. Além dos 2,2 milhões de novos casos, 441,7 mil (16,5%) execuções penais foram iniciadas, totalizando 2,7 milhões de novos processos criminais, quando computadas as execuções penais.

De modo geral, se o grande volume de processos novos representam um aumento de demanda, também representa o avanço do acesso das pessoas ao sistema de justiça. No entanto, mesmo assim as pessoas precisam esperar, em média, 2 anos e 11 meses na fase de conhecimento, 3 anos e 5 meses na execução de penas alternativas e 4 anos e 6 meses na execução de penas restritivas de liberdade.

Enquanto isso, conforme explica o próprio CNJ:

o réu pode permanecer preso provisoriamente, cumprindo previamente parte de sua pena antes da condenação, que, posteriormente, acaba por ser deduzida do tempo da execução penal propriamente dita. Isso ajuda a explicar porque o tempo da execução penal pode não corresponder ao tempo da pena aplicada. (BRASIL, 2020, p. 310).

Apesar do avanço em relação ao ano de 2020, as pessoas continuam tendo de esperar muitos anos para ver a justiça feita no Brasil. A vítima, enquanto o processo não é encerrado, continua tendo de lidar com os traumas advindos da situação de violação de direitos que o ensejou.

---

<sup>3</sup> BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Justiça em Números 2022**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/09/justica-em-numeros-2022-1.pdf> Acesso em 22 mai. 2023.

O Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) pode ser um bom parâmetro para que o perfil da vítima no Brasil seja traçado. Segundo o último relatório disponibilizado pelo DEPEN<sup>4</sup>, os crimes cometidos no Brasil são, majoritariamente, contra o patrimônio (isto é, infringem o direito à propriedade), chegando a mais de 40% das infrações. Na outra ponta, estão os crimes relativos às drogas, alcançando quase 30% dos motivos das penalizações; em terceiro lugar, estão os crimes contra a pessoa, chegando a mais de 15% das prisões.

Vale ressaltar que esses dados são apenas em relação às motivações que ensejam as penas privativas de liberdade aos apenados; excluindo-se o quantitativo/detalhamento quanto aos crimes que ainda estão em investigação.

### 2.3.1. Crimes com vítimas no Brasil e no Paraná segundo o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Embora os dados do CNJ sejam de extrema relevância, eles não abarcam uma questão essencial: quantas pessoas são vitimadas como resultado de cada crime cometido.

Nesse sentido, o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra-se importante. A edição de 2023 elucida essa questão de modo satisfatório.

No Brasil, em 2022, foram registradas 38.194 ocorrências de homicídios dolosos; esses vitimaram 39.519 pessoas. Quanto aos crimes de latrocínio, foram registradas 1.205 ocorrências, as quais resultaram em 1.229 vítimas. Quanto ao crime de lesão corporal seguida de morte, o Brasil registrou 610 vítimas em 2022 para 615 ocorrências.

Em relação ao estado do Paraná, houve um total de 1.901 ocorrências de homicídios dolosos, as quais vitimaram 2.025 pessoas (Brasil, 2023, p. 38). Em relação aos crimes de latrocínios, no Paraná foram registradas 47 ocorrências, das quais resultaram 54 vítimas. Quanto ao crime de lesão corporal seguida de morte, o Paraná registrou 37 vítimas em 2022 para 37 ocorrências.

#### 2.3.1.1 A vítima no estado do Paraná segundo o Atlas da Violência de 2021.

---

<sup>4</sup> BRASIL. DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Quantidade de Incidência por Tipo Penal. 2020.** Disponível em:  
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMTdiMDc0MGMtNWI5My00Mjc3LWE5OWItMGZhMTBIMzg3MG M4IiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9> Acesso em 22 mai. 2023.

Em 2019, o estado do Paraná teve um total de 2.095 mortes com causas identificadas contra 464 mortes cujas causas não foram identificadas. Apesar de o número ser elevado, ainda é razoavelmente baixo em comparação aos demais estados brasileiros.

Em relação à região onde o Paraná está localizado, vê-se que o Rio Grande do Sul mantém quase o mesmo número de homicídios (2.184), e Santa Catarina se sobressai positivamente, com um dos números mais baixos do país: 767 homicídios registrados em 2019 (Brasil, 2021, p.26).

### 2.3.2 A vítima no Brasil tem cor, gênero e idade

O Atlas da Violência é um dos documentos mais importantes quando se fala em panorama acerca da criminalidade no Brasil, especialmente porque o Atlas segmenta com certa precisão o público-alvo de cada tipo de crime.

Apesar de se expor, essencialmente, o número de mortes e suas causas, o Atlas traz em sua definição “da violência”, porque os crimes como homicídios são, cometidos, com o uso desta.

Segundo Cavalcanti (2008, p. 31), violência pode ser definida como o “abuso, constrangimento, desrespeito, discriminação, impedimento, imposição, invasão, ofensa, proibição, sevícia, agressão física, psíquica, moral ou patrimonial contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela ofensa e intimidação pelo medo e terror”.

Na última edição do referido documento, é possível notar que as vítimas de crimes pertencem a um determinado gênero, a uma determinada faixa etária e possuem uma determinada cor.

Em 2019, ano da coleta de dados do Atlas de 2021, o Brasil apresentou 45.503 homicídios, dos quais 3.737 foram cometidos contra mulheres e 41.692 foram cometidos contra homens (Brasil, 2021, p. 21). Desses homicídios, 10.217 foram cometidos contra não negros e 34.466 cometidos contra pessoas negras.

Assim, a primeira conclusão que se pode tirar é: morrem mais homens do que mulheres (11 vezes mais); e morrem mais negros (somados negros e pardos, conforme frisa o documento) do que não negros (brancos, amarelos e indígenas), numa proporção de 3 vezes mais. Ainda, do total de assassinatos cometidos (45.503), 21.897 (quase a metade, vale frisar), foram contra jovens — de 15 a 29 anos —, sendo o restante (23. 606) foi cometido contra pessoas adultas ou idosas.

Esses dados são corroborados também pelo Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2023, o qual se refere à coleta e análise de dados do ano anterior, 2022. Na página

12 do Anuário é possível perceber que o perfil das vítimas no Brasil é ser do sexo masculino, ser negro/pardo, e possuir entre 12 e 29 anos (Brasil, 2023).

Quando a causa da morte é indeterminada<sup>5</sup>, o perfil ainda se mantém. No caso das mulheres, foram 3.756 mortes violentas por causa indeterminada; já em relação aos homens, foram 12.820 óbitos; uma diferença de quase 4 vezes mais. O perfil também se mantém nas causas não identificadas em relação aos negros e aos jovens: 10.045 negros foram vitimados contra 6.311 não negros; e 3.991 jovens. Dessa forma, é possível traçar um perfil inicial de vítima de homicídios no Brasil: homem, negro (preto ou pardo) e, com grande probabilidade, jovem.

Os dados apresentados acima em relação às mulheres sofrem uma pequena variação quando o documento norteador passa a ser o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Isso pode ocorrer, principalmente, porque neste o ano base é 2022, e não 2019, como é o caso do último Atlas da Violência.

No Anuário, o número de mortes de homicídios de mulheres subiu para 4.034, mas ainda se mantém muito menor do que os homicídios cometidos contra os homens, cuja porcentagem chega a mais de 90% dos homicídios no Brasil, conforme aponta o próprio Anuário. Vale frisar que o supracitado documento faz a distinção entre homicídio feminino e feminicídio; quanto a este último, o Anuário revela que foram cometidos 1.437 no ano de 2022 no Brasil.

### 2.3.3 A mulher como vítima no contexto doméstico — Lei Maria Da Penha

Como visto, as mulheres representam cerca de 10% das vítimas de homicídios no Brasil. O número apresentou uma queda razoável em relação a 2018, cujos assassinatos chegou à soma de 4.519.

Vale frisar que esses números não representam apenas os homicídios contra mulheres cometidos em razão de seu gênero ser o feminino, mas, como salienta o próprio Atlas da Violência, envolve crimes decorrentes da vida urbana, tais como roubos e outros conflitos (Brasil, 2021, p. 36).

Embora essa diminuição tenha sido favorável, houve um aumento de mortes violentas por causas não identificadas — isso ocorreu no caso dos homens também —, o que acende um alerta quanto a subnotificação de homicídios. Conforme já exposto, as causas não identificadas podem ser várias: suicídio, homicídio ou acidente, por exemplo.

---

<sup>5</sup> MCVI: Morte Violenta por Causa Indeterminada quer dizer que não foi possível identificar com clareza qual foi o motivo do óbito ou o que levou a pessoa a ele. Assim, podem estar inseridas nas causas, ocorrências como homicídios, suicídios, acidentes.

Isso pode ser resultado das diversas políticas públicas que surgiram nos últimos anos para proteger a mulher, especialmente no concernente ao ambiente doméstico. A lei Maria da Penha foi, nesse sentido, um grande marco jurídico de amparo às vítimas mulheres, possuindo um caráter amplamente protetivo.

Segundo dispõe o art. 5º da Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, a violência doméstica engloba não apenas a agressão física, mas, ainda, a “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasil, 2006).

O ambiente doméstico é o “espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas” (Brasil, 2006). Portanto, uma mulher que sofre violência doméstica sofre um tipo de violência específica, aquela no seu ambiente de convívio permanente com outras pessoas, independentemente de laços afetivos ou parentais.

Frise-se que esse tipo de situação envolve não somente a relação conjugal, mas também fraternal e filial, isto é, uma irmã pode sofrer violência cometida pelo irmão; uma mãe sofrer violência cometida por um filho e assim por diante.

Ademais, ainda se pode citar o caso de compartilhamento de moradias em que uma mulher venha a sofrer violência praticada por um (a) colega de quarto/república. Esse último caso é muito comum entre estudantes universitários; mas não só. No Brasil tem surgido uma nova tendência de compartilhamento de moradia, em razão da alta de preços nos aluguéis. Esse tipo de convivência também enseja suas responsabilidades no âmbito da lei Maria da Penha<sup>6</sup>.

Recentemente, a supracitada lei sofreu uma alteração substancial, inserindo o art. 40-A, O art. 40-A expõe: Esta Lei será aplicada a todas as situações previstas no seu art. 5º, independentemente da causa ou da motivação dos atos de violência e da condição do ofensor ou da ofendida (Brasil, 2023).

Na prática, o que isso muda? Agora a mulher não depende mais do contexto no qual está inserida para ter sua medida protetiva decretada. Anteriormente, ela estava restrita a alguns julgados do STJ que exigiam na aplicação da Lei, alguns requisitos, tais como: a prova de que a violência era em decorrência do gênero ou, ainda, de a vítima possuir algum tipo de vulnerabilidade na situação real, isto é, no caso concreto. Agora, o problema com álcool ou drogas ou a falta de uma reputação ilibada, por exemplo, já não podem ser mais motivados evocados para afastar a aplicabilidade da lei Maria da Penha.

Essa alteração surgiu para corroborar o caráter protetivo da lei Maria da Penha, a qual serve de base para que diversas políticas públicas surjam nos âmbitos municipais, estaduais e

---

<sup>6</sup> MORADIA compartilhada vira tendência no país com alta do aluguel. **Terra**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/economia/dinheiro-em-acao/moradia-compartilhada-vira-tendencia-no-pais-com-alta-do-aluguel,332a320beb66d68e75225b00e55d3fed7vzzcot2.html> Acesso em 18 ago. 2023.

federais. No artigo 23, a referida lei elenca uma série de medidas extras que podem ser aplicadas para que a mulher vítima, bem como seus dependentes possam, de fato, sair da situação de violência temporária e provisoriamente; e não são tomadas medidas apenas no âmbito criminal (com o afastamento do agressor e, até mesmo, sua prisão); mas no âmbito cível também, com a proteção do patrimônio da vítima.

Dentre as medidas, encontram-se:

I - encaminhar a ofendida e seus dependentes a programa oficial ou comunitário de proteção ou de atendimento; II - determinar a recondução da ofendida e a de seus dependentes ao respectivo domicílio, após afastamento do agressor; III - determinar o afastamento da ofendida do lar, sem prejuízo dos direitos relativos a bens, guarda dos filhos e alimentos; IV - determinar a separação de corpos. V - determinar a matrícula dos dependentes da ofendida em instituição de educação básica mais próxima do seu domicílio, ou a transferência deles para essa instituição, independentemente da existência de vaga (Brasil, 2006).

Das medidas para proteção patrimonial, encontram-se:

Art. 24. Para a proteção patrimonial dos bens da sociedade conjugal ou daqueles de propriedade particular da mulher, o juiz poderá determinar, liminarmente, as seguintes medidas, entre outras: I - restituição de bens indevidamente subtraídos pelo agressor à ofendida; II - proibição temporária para a celebração de atos e contratos de compra, venda e locação de propriedade em comum, salvo expressa autorização judicial; III - suspensão das procurações conferidas pela ofendida ao agressor; IV - prestação de caução provisória, mediante depósito judicial, por perdas e danos materiais decorrentes da prática de violência doméstica e familiar contra a ofendida (Brasil, 2006).

Embora mais conhecida por proteger as vítimas mulheres, a lei Maria da Penha pode ser aplicada também aos demais casos de violências contra outras pessoas que não sejam do gênero feminino, inclusive sua aplicabilidade pode ser favorável à proteção dos homens. Esse é um entendimento que surgiu por meio do juiz Mário Roberto Kono de Oliveira, do Juizado Especial Criminal Unificado de Cuiabá.

O juiz acatou o pedido feito por um homem contra sua ex-companheira. O pedido foi acompanhado de diversas provas que não deixaram dúvidas quanto às constantes perseguições e violências sofridas pelo homem. O juiz em questão frisou, no entanto, que não se pode aplicar leis por “analogia *in malam partem*”, isto é, que prejudiquem o réu quando faltar ordenamento jurídico aplicável; mas que é possível aplicar por “analogia *in bona partem*”, de modo que favoreça a parte que está sofrendo algum tipo de dano ou violência.

Para corroborar sua decisão, o referido juiz evocou juristas como José Frederico Marques, Magalhães Noronha, Aníbal Bruno, Basileu Garcia, Costa e Silva, Oscar Stevenson e Narcélio de Queiróz. Na explicação, o juiz afirma que se pode aplicar a analogia *in bona*

*partem* para favorecer um réu numa ação, não há motivos para não se aplicar para favorecer uma vítima<sup>7</sup>.

Ademais, consoante à aplicabilidade da referida lei em favor das vítimas de violência, tem surgido novo entendimento quanto aos relacionamentos homoafetivos. Isso porque, uma mulher pode ser tanto o polo passivo quanto o polo ativo da violência. Logo, quando uma mulher violenta, de alguma forma, sua companheira ou a mulher com quem divide o mesmo teto, pode ser, sim, enquadrada na Lei Maria da Penha (Minuzzi, 2014).

Isso comprova, mais uma vez, que, embora o ordenamento jurídico brasileiro deixe de contemplar alguns tipos específicos de vítimas, o entendimento dos juízes e juristas têm corroborado para que uma das leis criadas especificamente para proteger vítimas seja utilizada, por analogia, nos casos concretos.

## 2.4 LEIS E ALTERAÇÕES LEGAIS RECENTES PARA PROTEÇÃO DAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Além da recente alteração legal realizada no âmbito da Lei Maria da Penha, algumas outras foram efetuadas no decurso da última década e houve, também, o surgimento de novas leis que contemplam camadas específicas da sociedade.

### 2.4.1 Lei Mari Ferrer

A Lei 14.245 de 21 de novembro de 2022 ficou conhecida como “Lei Mari Ferrer”, em razão de uma polêmica na qual a então vítima, Mariana Ferrer, teria sofrido constrangimento e coação excessivos por parte dos advogados de defesa do réu do processo (Santos, 2021).

Conforme o artigo 1º da lei supracitada, esta foi criada para proteger a dignidade da vítima do processo penal, especialmente quando este se referir à dignidade sexual, aumentando as penalidades previstas em até 1/3 (Brasil, 2021).

### 2.4. 2 Lei Henry Borel

A Lei Henry Borel foi uma lei sancionada em 2022 com vistas à proteção da criança e do adolescente no âmbito doméstico. A lei tem um caráter preventivo, assim como a Lei Maria da Penha.

---

<sup>7</sup> LEI Maria da Penha aplicada para proteger homem. **JUSBRASIL**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/lei-maria-da-penha-e-aplicada-para-proteger-homem/157860> Acesso em 18 ago. 2023.

Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, lei 8.069/1996) já contenha dispositivos de proteção especial à criança em situações de socorro e contra casos de negligência, por exemplo, carecia de elementos extras que pudessem garantir maior segurança para a criança e para o adolescente no âmbito doméstico e familiar.

A lei ganhou esse nome em razão do crime bárbaro cometido contra o menino Henry, uma criança de apenas 4 anos de idade. O garoto teve mais de 20 lesões no corpo, as quais culminaram em hemorragia interna na pequena criança. O crime ficou famoso não somente em razão da brutalidade com a qual foi cometido, mas por seus autores: a mãe e o padrasto do menino.<sup>8</sup>

O art. 7 da Lei Henry Borel, por exemplo, traz possibilidades não elencadas explicitamente no ECA quanto às crianças e adolescentes que estejam em situação de violência doméstica. Dentre as possibilidades está a criação de centros de atendimento, os quais deverão ser integrais e multidisciplinares — isto é, contando com o apoio de profissionais das várias áreas, tais como psicólogos, médicos, assistentes sociais —; criação de espaço para fazer a devida acolhida da vítima, esse acolhimento pode ser em âmbito familiar (com iniciativas como o Família Acolhedora<sup>9</sup>) ou institucional ou mesmo programas de apadrinhamento.

#### 2.4.3 Escuta Especializada e o depoimento especial como formas de proteção à vítima

A Escuta Especializada e o Depoimento Especial surgiram para proteger a criança e o adolescente vítimas de violência ou que a tenham presenciado.

Segundo o art. 7 da lei 13.431 de 4 de abril de 2017, é possível entender a Escuta Especializada como “o procedimento de entrevista sobre situação de violência com criança ou adolescente perante órgão da rede de proteção, limitado o relato estritamente ao necessário para o cumprimento de sua finalidade” (Brasil, 2017).

Já o Depoimento Especial é compreendido como “o procedimento de oitiva de criança ou adolescente vítima ou testemunha de violência perante autoridade policial ou judiciária” (Brasil, 2017).

Antigamente, as vítimas precisavam passar por várias etapas de depoimentos, passando pelo processo que se chama “revitimização”, isto porque tinham de recountar várias e várias

<sup>8</sup>CASO Henry Borel: veja perguntas e respostas sobre a morte do menino de 4 anos no Rio. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/04/05/caso-henry-veja-perguntas-e-respostas-sobre-morte-do-menino-de-4-anos-no-rio.ghtml> Acesso em 18 ago. 2023.

<sup>9</sup>Sobre o programa, o site oficial explica: “diferente dos abrigos institucionais (em que há educadores contratados), trata-se de uma modalidade em que **a criança ou adolescente é cuidada temporariamente por uma outra família: a família acolhedora**. Essa família é parte do Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA) e, durante o período de acolhimento, assume todos os cuidados e a proteção da criança e/ou do adolescente.” Disponível em: <https://familiaacolhedora.org.br/informacao/o-que-e-acolhimento-familiar/> Acesso em 18 ago. 2023.

vezes o contexto do cometimento da violência, o que as fazia relembrar constantemente a violência sofrida (Araújo; Demercian, 2020).

Para acabar com isso, a lei da Escuta Especializada e do Depoimento Especial foi criada. Essa lei é de suma importância, tendo em vista os dados atuais sobre a violência sexual, por exemplo. Dos 74.930 estupros cometidos em 2023, 56.820 foram cometidos contra pessoas vulneráveis. Pelo menos 61,4% dos estupros vitimaram crianças e adolescentes de 0 a até 13 anos; 10,4% foram cometidos contra menores de 4 anos de idade (Brasil, 2023, p. 14).

Percebe-se com esses dados que as crianças vitimizadas já são capazes, na maioria dos casos, de contar o que lhes aconteceu, pois já estão em idade de articulação da fala.

Mas essa lei não ampara somente as crianças e adolescentes vítimas de crimes sexuais; a lei abrange todo e qualquer tipo de violência — sendo a criança, frise-se novamente, vítima ou testemunha da violência. Conforme a redação dada pela própria lei (art. 4<sup>a</sup>) a violência tratada nessa pode ser: física, psicológica, sexual, institucional e patrimonial (Brasil, 2017).

Os dados do Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública novamente surgem como um bom respaldo para se verificar a relevância da lei. Em 2023, 22.527 crianças ou adolescentes foram vítimas de maus-tratos ou de negligência; 60% desse número se referem a crianças entre 0 a 9 anos de idade (Brasil, 2023, p. 15).

A principal inovação que a lei trouxe foi quanto ao olhar voltado para a vítima, pois anteriormente, a escuta quanto ao que ocorreu durante o cometimento do crime era realizada por profissionais da área da Segurança Pública, tais como policiais e delegados, e não por profissionais da área da Psicologia.

Ter profissionais capacitados a ouvir a vítima da maneira mais correta e invasiva possível é tão importante quanto ter policiais empenhados na captura daqueles que cometem o crime.

## 2.5 A VÍTIMA NO ÂMBITO CÍVEL

É comum que pela natureza das ofensas cometidas à dignidade, honra e integridade física ou mental da vítima, ela não queira procurar justiça também no âmbito cível. Embora essa possa ser a realidade de uma parcela dos casos, fato é que boa parte não busca reparação indenizatória por desconhecimento dos seus direitos.

Recentemente, houve uma alteração no Código Processual Penal, com a lei nº 11.719/2008 a qual trouxe a possibilidade de fixar-se, junto à sentença condenatória, um valor mínimo visando a reparação dos danos causados pelo crime, considerando os prejuízos sofridos.

O artigo que trouxe essa novidade foi o 387, no seu inciso IV. Assim, a vítima recebe não apenas respaldo no âmbito criminal/penal, mas também no âmbito cível.

## 2.6 O PODER PÚBLICO E O APOIO A VÍTIMAS NO BRASIL

Algumas iniciativas têm sido tomadas por parte do Poder Público. Um bom exemplo é o CRAVI (Centro de Referência e Apoio à Vítima), um programa ligado à Secretaria da Justiça e Cidadania do estado de São Paulo.

O Centro atende não somente a mulheres e crianças vítimas de violência, mas a todas as pessoas (de todas as idades, sexo, cor) que tenham passado por algum tipo de violência. As vítimas atendidas podem ser tanto as diretas (pessoas que foram alvo da violência em si) quanto as indiretas (pessoas que fazem parte da família ou possuem relacionamento com a vítima direta).

Conforme está exposto no site<sup>10</sup> institucional do programa:

A equipe do CRAVI é composta por assistentes sociais e psicólogos, além de estagiários das respectivas áreas. Esses profissionais são especialistas no atendimento às vítimas de crimes contra a vida, que na maioria são sobreviventes ou familiares, e amigos que perderam seu ente querido assassinado (...) O CRAVI disponibiliza espaço sigiloso e acolhedor para apoiar, escutar e cuidar do cidadão exposto ao sofrimento causado pela violência. Por meio do atendimento presencial e on-line, oferecemos apoio psicossocial e orientação jurídica – facilitados pelas parcerias estabelecidas com o Ministério Público do Estado de São Paulo e a Defensoria Pública do Estado de São Paulo.

Frise-se que órgãos da Segurança Pública do referido estado estão firmando a parceria para que a vítima tenha a devida atenção para superar os traumas decorrentes da violência sofrida. O estado do Ceará<sup>11</sup> e o estado de Santa Catarina<sup>12</sup> mantêm uma iniciativa similar, que não exclui as vítimas em razão de seu gênero, cor ou idade.

Outros estados no Brasil mantêm iniciativas similares, mas voltadas apenas para o atendimento de vítimas mulheres ou crianças/adolescentes<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> CENTRO de Referência de Apoio à Vítima. **Governo do Estado de São Paulo**. Disponível em: <https://justica.sp.gov.br/index.php/coordenacoes-e-programas/centro-de-referencia-de-apoio-a-vitima/> Acesso em 20 ago. 2023.

<sup>11</sup> Centro de Referência e Apoio à Vítima de Violência. **SPS CE**. Disponível em: <https://www.sps.ce.gov.br/secretarias-executivas/cidadania-e-dh/coordenadoria-de-cidadania/centro-de-referencia-e-apoio-a-vitima-de-violencia/> Acesso em 20 ago. 2023.

<sup>12</sup> COM foco no acolhimento às vítimas de crimes NEAVIT inicia atendimento ao público nesta terça-feira. **SSP.SC**. Disponível em: <https://www.ssp.sc.gov.br/index.php/component/content/article/87-noticias/2527-com-foco-no-acolhimento-as-vitimas-de-crimes-neavit-inicia-atendimentos-ao-publico-nesta-terca-feira> Acesso em 20 ago. 2023.

<sup>13</sup> REDE de apoio. **AMESE**. Disponível em: <https://www.amese.pr.gov.br/Pagina/REDE-DE-APOIO> Acesso em 20 ago. 2023.

No âmbito do Governo Federal, atualmente há apenas alguns poucos programas voltados de maneira ampla à proteção da vítima, independentemente de gênero, cor ou idade. Um desses programas é o PROVITA<sup>14</sup>, um programa voltado para a proteção de vítimas e testemunhas ameaçadas que colaboraram com investigação criminal.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo presente estudo foi possível verificar que o conceito de vítima sofreu modificações ao longo de toda a história. Hoje, o conceito está mais bem-definido e delimitado, sendo a vítima entendida como alguém que sofre em razão de algum mau desígnio cometido contra ela, intencional ou não intencionalmente.

Além disso, salientou-se a visão segundo a qual quando da ocorrência do delito não há apenas a vítima direta, mas também a indireta que sofre os danos junto com aquela, mesmo que em menor grau/intensidade.

Verificou-se que embora ela seja a parte que mais sofre no processo legal, sejam perdas materiais, sejam perdas não materiais (como atentados contra o próprio corpo), é pouco ouvida, assistida e compreendida.

Verificou-se, ainda, na literatura disponível, que essa visão é corroborada por vários estudiosos da área e que os tais consideram salutar uma ação por parte do Estado que demonstre sua efetiva preocupação em relação ao lado vitimado do delito.

Por meio deste trabalho, foi possível observar que a legislação brasileira tem avançado nos últimos anos para propiciar algum tipo de proteção à vítima dos mais diversos crimes; muito embora não abarque, em quase todas as leis, o gênero masculino, podem ser aplicadas a este, conforme visto, por analogia *in bona partem*.

Tendo em vista o perfil da vítima no Brasil ser homem, negro e com idade entre 12 e 29 anos, é imprescindível que o Estado forneça (e não somente financie, apoie) aparato suficiente para lidar com as demandas específicas desse tipo de vítima direta (e também das vítimas indiretas) especialmente nas áreas socioassistenciais e de saúde (física e mental).

### **REFERÊNCIAS**

---

<sup>14</sup> PROGRAMA de proteção a vítimas e testemunhas ameaçadas. GOV. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoas-ameacadas-de-morte/acoes-e-programas/programa-de-protecao-a-vitimas-e-testemunhas-ameacadas-provita> Acesso em 20 ago. 2023.

ARAÚJO, J. M. N.; DEMERCIAN, P. H. O depoimento especial e a prevenção da revitimização. **Revista Jurídica Da Escola Superior Do Ministério Público De São Paulo**, V. 19, 2021: 128-159. Disponível em:  
[https://es.mppsp.mp.br/revista\\_esmp/index.php/RJESMPSP/article/view/455](https://es.mppsp.mp.br/revista_esmp/index.php/RJESMPSP/article/view/455) Acesso em 20 ago. 2023.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Justiça em Números 2022**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/09/justica-em-numeros-2022-1.pdf> Acesso em 22 mai. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Quantidade de Incidência por Tipo Penal. 2020**. Disponível em:  
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMTdiMDc0MGMtNWI5My00Mjc3LWE5OWItMGZhMTBIMzg3MGM4IwidCl6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9> Acesso em 22 mai. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. DF: Presidência da República, [2006]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm) Acesso em 18 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.431 de 4 de abril de 2017**. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm) acesso em 20 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.344, de 24 de maio de 2022**. Cria mecanismos para a prevenção e o enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a criança e o adolescente. DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/lei/l14344.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/l14344.htm) Acesso em 18 ago. 2023.

CAVALCANTI, S. V. S. de F. **Violência doméstica contra a mulher no Brasil: análise da lei “Maria da Penha”, n. 11.340/06**. 2. ed. Salvador: Jus Podivm, 2008.

JÚNIOR, H. P. **Vitimologia Evolução no Tempo e no Espaço**. São Paulo: Freitas Barros, 1990.

CENTRO de Referência de Apoio à Vítima. **Governo do Estado de São Paulo**. Disponível em: <https://justica.sp.gov.br/index.php/coordenacoes-e-programas/centro-de-referencia-de-apoio-a-vitima/> Acesso em 20 ago. 2023.

CENTRO de Referência e Apoio à Vítima de Violência. **SPS CE**. Disponível em:  
<https://www.sps.ce.gov.br/secretarias-executivas/cidadania-e-dh/coordenadoria-de-cidadania/centro-de-referencia-e-apoio-a-vitima-de-violencia/> Acesso em 20 ago. 2023.

CERQUEIRA, D. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021. 108p.

COM foco no acolhimento às vítimas de crimes NEAVIT inicia atendimento ao público nesta terça-feira. **SSP.SC**. Disponível em:  
<https://www.ssp.sc.gov.br/index.php/component/content/article/87-noticias/2527-com-foco-no-acolhimento-as-vitimas-de-crimes-neavit-inicia-atendimentos-ao-publico-nesta-terca-feira> Acesso em 20 ago. 2023.

**FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 18 ago. 2023.

KLEMPOVUS, K. R. B. A Vítima no Processo Penal: A Possibilidade de Sua Inclusão Por Meio da Justiça Restaurativa. In: Congresso Internacional de Ciências Criminais, 2020. **Anais eletrônicos** [...] Rio Grande do Sul: Edipucrs. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-internacional-de-ciencias-criminais/assets/edicoes/2020/arquivos/139.pdf> Acesso em 14 mai 2023.

MINUZZI, M. C. Aplicação da Lei Maria da Penha às vítimas do sexo masculino e às relações homoafetivas. **JusBrasil**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/aplicacao-da-lei-maria-da-penha-as-vitimas-do-sexo-masculino-e-as-relacoes-homoafetivas/118288535> Acesso em 18 ago. 2023.

PIOVESAN, Flávia. Direitos Humanos e Justiça Internacional. São Paulo: Saraiva 2006.

PROGRAMA de proteção a vítimas e testemunhas ameaçadas. **GOV**. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoas-ameacadas-de-morte/acoes-e-programas/programa-de-protectao-a-vitimas-e-testemunhas-ameacadas-provita> Acesso em 20 ago. 2023.

REDE de apoio. **AMESE**. Disponível em: <https://www.amese.pr.gov.br/Pagina/REDE-DE-APOIO> Acesso em 20 ago. 2023.

REZENDE, G. C. de. **O Direito Humano da Vítima a um Processo Penal Eficiente**. Curitiba: Juruá, 2021, 194 p.

ROCHA, C. L. A. A Dignidade da Pessoa Humana e o Mínimo Existencial. **Revista de Direito Administrativo**. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/7953/6819> Acesso em 14 mai. 2023.

RODRIGUES, R. M. A Vítima e o Processo Penal Brasileiro: Novas Perspectivas. 2012. 29 f. [Dissertação]. Mestrado em Direito Penal – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FADUSP). Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2137/tde-29082013-135837/publico/VERSAO\\_SIMPLIFICADA\\_ROGER\\_DE\\_MELO\\_RODRIGUES.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2137/tde-29082013-135837/publico/VERSAO_SIMPLIFICADA_ROGER_DE_MELO_RODRIGUES.pdf) Acesso em 15 mai 2023.

SANTOS, R. TJ-SC confirma absolvição de acusado de estuprar Mariana Ferrer. **Conjur**. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-out-07/tj-sc-confirma-absolvicao-acusado-estuprar-mariana-ferrer> acesso em 18 ago. 2023.

SAUTHIER, R. **O Papel da Vítima no Cenário Atual do Processo Penal Brasileiro**. Disponível em: [http://www.adpf.org.br/adpf/imagens/noticias/chamadaPrincipal/7626\\_penal.pdf](http://www.adpf.org.br/adpf/imagens/noticias/chamadaPrincipal/7626_penal.pdf) Acesso em 14 mai 2023.

SCHNEIDER, Eliete Vanessa; BEDIN, Gilmar Antônio. A proteção internacional dos direitos humanos e o sistema interamericano: a importância de mais um nível de garantia dos direitos humanos. **Direito em Debate**. 2015. Disponível em <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/2789> Acesso em 20 mai. 2023.

WALGRAVE, Lode. **Restorative Justice, Self-Interest and Responsible Citizenship**. Cullompton e Portland: Willan Publishing, 2008.

